



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM
PERFORMANCES CULTURAIS**

EDSON SUCENA JUNIOR

**AS MULHERES DJ'S NA CENA GLS EM GOIÂNIA:
IDENTIDADE, SUBVERSÃO E PERFORMANCE**

MESTRANDO: Edson Sucena Junior

ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Petronílio

LINHA DE PESQUISA: Espaços, Materialidades e
Teatralidades.

**Goiânia - Goiás
2015**

**AS MULHERES DJ'S NA CENA GLS EM GOIÂNIA:
IDENTIDADE, SUBVERSÃO E PERFORMANCE**

EDSON SUCENA JUNIOR

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação/Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais, da Escola de Música e Artes Cênicas – EMAC, da Universidade Federal de Goiás – UFG.
Linha de pesquisa: Espaços, Materialidades e Teatralidades. Sob a orientação do professor Dr. Paulo Petronílio.

**Goiânia - Goiás
2015**

SUMÁRIO

ESQUENTA INTRODUTÓRIO	
Relevância da pesquisa.....	
Do referencial teórico à revisão da literatura.....	
Metodologia.....	
Organização do trabalho.....	
1. PRIMEIRO SET: INTERROGANDO AS IDENTIDADES	
1.1 DJ LAURIZE “Inconfundível identidade musical”	
1.2 DJ ERICA LINS “Uma DJ de personalidade”	
1.3 DJ FRAN DE CARVALHO “O amor à música”	
1.4 DJ SUZY PRADO “Moldada pela experiência”	
2. SEGUNDO SET: IDENTIDADE, SENTIMENTO E CULTURA	
2.1 O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS DJS.....	
2.2 A CULTURA DO FEELING OU DO SENTIMENTO?.....	
2.3 IDENTIDADES NÔMADES.....	
3. TERCEIRO SET: SUBVERSÃO, MULHER E ARTE	
3.1 A MULHER E A MÚSICA.....	
3.2 A DJ: UMA MAESTRO SUBVERSIVO.....	
3.3 ARTE DA DESORDEM.....	
4. QUARTO SET: PERFORMANCE, HIBRIDISMO E ESTÉTICA	
4.1 MIXAGEM COMO PERFORMANCE.....	
4.2 O MUTANTE MUSICAL HÍBRIDO.....	
4.3 O ENTRE LUGAR E SEUS RITORNELOS MUSICAIS.....	
5. JUSTIFICATIVA.....	
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	
7. ANEXOS.....	

ESQUENTA INTRODUTÓRIO

O sentimento é tudo, palavra, som e fumaça.

Maffesoli

Minha experiência com música vem de berço de raízes baianas. O dionisíaco sempre prevaleceu nas reuniões dos meus familiares de modo que tudo era motivo de festa. Na adolescência, movido por um sonho, fiz parte de um grupo chamado “Swing Brasil” onde trabalhei por 13 anos como dançarino e vocalista. Foi uma fantástica experiência. Naquele momento que estava no palco, uma espécie de transe tomava conta de mim. De repente a música, o público, a dança e eu éramos um só.

Com os anos houve a necessidade de condensar este fazer festivo. Foi aí que me ingressei na UEG no curso de Educação Física. Sempre notei durante a graduação que o espaço da música e dança no sentido amplo, era por demais, escasso. Era necessário romper com esse tradicionalismo onde só se presenciava a música e a dança de forma superficial dentro do folclore brasileiro. Compus um trabalho monográfico intitulado “A tríade bio-psico-social das aulas de Ritmos em academias”. Para minha surpresa, o trabalho concluiu que dos três segmentos, a que mais influenciou os alunos que buscavam tal modalidade, era pela questão social (diversão, prazer, amizade, grupo). Em alternância com o curso comecei uma experiência em danceterias do circuito “GLS” como “gogo boy”. Aqui houve a paixão pela música eletrônica, pois antes, só entendia de ritmos brasileiros e em especial *o axé music*. O sucesso da execução da minha performance dependia diretamente da performance do DJ. No ato da pista, minha dança se tornava transcendente quando o DJ compunha um bom set. Comecei a me aproximar dessa tribo, entendê-los, sentir como esse artista desenvolvia seu trabalho na pista; como se dava essa fusão (música, dança, liberdade) fazendo com que o público dance e se liberte de tantas amarras sociais e repressivas, em consequência do gênero da diferença; como era fora do território festivo; que estilos musicais os influenciavam; quais as ferramentas se precisava ter para se tornar um bom DJ; qual a concepção de imagem dessa figura. Por esse motivo, num diálogo com meu orientador Dr. Paulo Petronílio, escolhi não pesquisar sobre a performance do gogo, por ser uma área que executei a tanto tempo, mas sim em pesquisar sobre como se constrói a identidade da performer mulher DJ, que ainda hoje, percebe-se alguns preconceitos e ainda é visto como uma artista da margem.

Diante disso, a presente pesquisa objetiva investigar o processo de construção da identidade de quatro performers DJ's, nos espaços GLS em Goiânia. Além disso, consiste em compreender também o aspecto estético da relação DJ e público no que diz respeito ao sentimento bem como o prazer ao estar junto cotidiano; reconhecer e compreender a importância dessa figura na tribo GLS; Verificar a mixagem como processo de criação; cartografar o DJ como corpo e artista performativo; problematizar o DJ como cultura performativa, em especial a presença da mulher nestes espaços como uma interferência subversiva.

Além desse viés, pretende-se abordar a perspectiva subversiva desse gênero muito transfigurado na atualidade, que chamo aqui de corpo infame foucaultiano e também o entendimento do fluxo de suas performances nos espaços Gays. Justifica-se também pela variedade de autores filósofos e das ciências humanas que poderão dar propriedade e autenticidade à minha pesquisa.

Vidas que são como se não tivesse existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis se não, aniquilá-las ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis aqui juntar alguns restos (FOUCAULT, 2006, p.210).

Para dar conta dessa discussão, tenho em mãos a noção de identidade segundo Stuart Hall para se entender essa construção na pós-modernidade, Homi Bhabha onde se compreenderá a construção de uma identidade cultural na diferença, Tomaz Tadeu que ilustra em seus escritos o pensamento de Hall e Tania Navarro Swain indagando quem somos nós nessa multiplicidade sexual; a noção de subversão da figura feminina em Judith Butler por criticar a construção das identidades de gênero, Simone de Beauvoir por procurar compreender de que maneira a mulher ocupou uma posição de “segundo sexo” em diferentes sociedades e como essa mulher se posiciona no mundo e em Donna Haraway que critica os seguimentos do movimento feminista, ao que chamou de “identidades fraturadas”; e a noção de performance em Richard Schechner por emergir o fluxo da performance no transporte e transformação da troca dos diversos signos nessa relação com o outro.

Esse estar junto é percebido na maioria das vezes, nas diversas entidades sociais (escola, trabalho, família, identidade). É certo que tais segmentos adestram, alienam, sufocam a capacidade dos indivíduos de poderem executar talvez a única coisa a que vieram ao mundo...que é ser! Em decorrência, esses indivíduos necessitam exaurir, externar ou fazer de algum momento, uma válvula de escape dessas mazelas sociais. A festa é, a meu ver, a maior delas. Percebe-se então a importância que o performer DJ possui de (re)significar o público no

instante da festa dançante. Nesse segmento Maffesoli discorre acerca da sufocante tendência social capitalista.

Essa intensidade é particularmente identificável na cadência exacerbada de nossas cidades grandes. Maquinismo exagerado, lazeres sufocantes e imperativos, rapidez das relações e dos meios de comunicação, tudo contribui para a “intensificação da vida nervosa” que era, conforme Simmel, a característica das metrópoles modernas e, claro, com mais força, das megalópoles pós-modernas. (MAFFESOLI, p.144, 2011)

Nesse sentido, para Michel Maffesoli, é importante a necessidade desse momento de lazer pós-moderno, pois no cotidiano atual é evidente o nível de estresse da sociedade como um todo. Percebe-se a todo instante como por exemplo no trânsito, um alto índice de crianças desenvolvendo síndromes psicológicas variadas e a violência no país. Não quero afirmar que a música, a festa e a performance do DJ seja a salvação para tais mazelas, mas é uma gostosa opção dentre várias outras possíveis que temos, mas não são usufruídas da forma que poderia. A proposta da festa *rave* responde de uma forma mais global essa opção de lazer por sempre acontecerem em territórios distantes das atividades urbanas cotidianas, locais de natureza exuberante como praias desertas e em cachoeiras. Mas é um evento voltado para um público “alternativo”. Existem trabalhos acadêmicos acerca desses estilos eletrônicos de *rave*, mas praticamente inexistem sobre a figura do DJ do segmento GLBT (gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Se a tempos percebe-se uma discriminação desse performer, é mais notório o profissional que só toca para o público “gay” como é o caso, a tribo dos artistas da minha pesquisa. Nesses ambientes (locais fechados em boates ou locais abertos em *pool party*), especificamente o público tão reprimido tem a opção e a liberdade de viver sua própria identidade. A identidade do DJ também se constrói a partir dessa liberdade. Esse profissional está na margem e necessita ter sua voz pela importância na vida dessa tribo munida de preconceitos e repressões. A academia precisa se abrir mais ainda para diferença e, já neste século XXI, esse grito já não pode ser mais interrompido.

Relevância da pesquisa

A presente pesquisa não visa levantar uma bandeira ao feminismo, mas de perceber a presença potente da mulher nos espaços *gays*. Fruto do conteúdo da minha pesquisa de dissertação no “Mestrado em Performances Culturais 2015”, decidi então focar em quatro DJs do sexo feminino e homossexuais, para construir minha pesquisa. “A mulher é um existente a

quem se pede que se faça objeto; enquanto sujeito, ela tem uma sensualidade agressiva que não se satisfaz com o corpo masculino: daí nascem os conflitos que seu erotismo deve superar”. (BEAUVOIR, 2009. p.523). É nessa superação que emerge seu poder artístico, onde o sexo se liquidifica e o fluxo de afirmação da vida é o que realmente importa nesse instante.

Mas o que define uma mulher atualmente? Será seu segmento sexual ou a imposição biológica ou cultural imposta a elas? Nesse sentido, não há como falar desse artista DJ mulher sem antes compreender quem é essa figura. Que gênero é esse e o porquê da tendência de inversão de valores na atualidade. Segundo Michele Rosaldo em “A mulher, a Cultura e a Sociedade” a mulher pode ter um peso importante e de poder na sociedade, mas quando comparada às conquistas dos homens não há um valor ou um reconhecimento da mesma. (ROSALDO, 1979, p.33) É bem verdade que essa afirmação se tornou obsoleta, mesmo que ainda de uma forma discreta, pois as mulheres vêm conquistando seu espaço, não como muitos gostam de falar como “guerra dos sexos”, mas sim por concordar que todo ser humano independente de seu seguimento sexual, religioso ou social merece seu espaço. Foi por esse motivo que esse artigo se fez importante, essa figura, a mulher, que também considero *queer* na perspectiva de Sara Salih e Judith Butler. A palavra *queer* segundo elas, é usada para se referir a pessoas que não se enquadram na norma heterossexual, conferindo a elas um estatuto de “estranho” ou “bizarro”, passa a ser (re)significada para afirmar pessoas cujas subjetivações realizam, de uma maneira ou de outra, abalos nas estruturas normatizadoras de sujeito.

A idéia de que identidade é um construto performativo [...] o sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e “encena” sua identidade um palco metafórico de sua própria escolha; é uma seqüência de atos, mas ela argumenta que não existe um ator (um performer) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito. (SALIH, 2013, p.65)

Esse sujeito em pleno século XXI está descentrado, à margem. Existe uma liquidez nas propriedades impostas pelas instituições tradicionais. Eis que surge uma nova construção de identidade para essas mulheres. Sendo assim, dificilmente se via em festas dos mais variados segmentos, a presença da mulher como DJ. Atualmente no circuito brasileiro e mundial é possível notar que esse quadro mudou positivamente. Se lugar de mulher é em todos os lugares, porque não na picafe de uma pista de dança?

É dessa mulher independente que Simone de Beauvoir fala com bastante propriedade e poesia. Para a autora, “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. (BEAUVOIR,

2008, p.47) A autora que se refere a mulher como “o segundo sexo” instiga uma reflexão não somente à mulher, mas a todas identidades contemporâneas. Sendo assim se a mulher conquistou seu poder merecido através do trabalho, as obrigações cotidianas também devem ser divididas aos homens como um todo. Para Beauvoir ninguém nasce mulher, e sim se torna mulher. Nesse sentido a construção das identidades errantes é o foco desta pesquisa que está em cima da figura feminina extraindo o sentimento na profissão DJ. Pesquisar sobre a performatividade das mulheres se faz importante pelo seu caráter inovador e arrojado, principalmente no que diz respeito a construção de suas identidades. A relevância acadêmica dessa Dissertação se dá também em três momentos: **Social:** a relevância social está no fato de que a questão da diferença sempre ficou marginalizada na sociedade. No que diz respeito ao DJ, a questão de gênero só é mais evidente geralmente em ambientes festivos, por esse motivo é importante legitimar o artista performático DJ dando-o maior visibilidade e significância; **Acadêmico:** onde se torna importante compreender a condição desse duplo, “DJ e público” dando voz epistemológica a essa tribo caótica; e nas Performances Culturais: Por ser interdisciplinar condiciona um possível espaço à figura desse performer, que por sua vez, cria, recria, transforma, abre os portais do transe, teatraliza a música e conduz uma alegria coletiva; **Sentimento:** A sensibilidade que este profissional necessita possuir para o êxtase da pista, vai de encontro com (SANTAELLA, p.80 2004) afirma que “uma nova antropomorfia está emergindo, o que envolve transformações não apenas na fisicalidade dos corpos, mas também na sensibilidade, consciência e mente humanas. Explorar as dimensões desafiadoras que se anunciam exige determinação e coragem frente ao incerto e ainda indefinido, justamente as qualidades que não faltam aos artistas. ” Apresenta-se aqui novas formas de percepções corporais, sobre as novas formas de vivências estéticas inauguradas pelas tecnologias comunicacionais. Pretende-se com essa pesquisa contribuir para a área da música, da dramatização de um corpo festivo, de resgatar informações relevantes sobre a o processo de construção das identidades das DJs. Também se pretende trazer à superfície, questões sociais não valorizadas pela sociedade higienizadora, numa força de contra fluxo turbilhonadora e transformadora; levantar questões sobre a forte relação do DJ, música e público na perspectiva de ritornelos; a sociabilidade dos gays e outros gêneros existentes nesses lugares tornando nesse instante, tudo familiar.

Do referencial teórico à revisão da Literatura

Muitos são os autores das Ciências Sociais que proporcionaram subsídios para fundamentar a pesquisa. As literaturas principais de base foram pensadas a partir de grandes autores como: Stuart Hall, Homi Bhabha, Michel Maffesoli, Judith Butler, Lucia Santaella, Susanne Langer. Para se discutir uma abordagem corporal do Performer, levando em consideração as possibilidades de vínculos com os estudos até aqui citados, foram elencadas obras de Richard Schechner – onde irei debruçar-me melhor na sua concepção de performance em seu texto “Transportados e transformados”, torna-se importante por ser um dos grandes estudiosos na contemporaneidade e parte-se do ponto de vista de que o DJ é o transportador e ao mesmo tempo transformador dessas múltiplas estéticas que fazem parte da pista de dança e que provocam ao mesmo tempo o transe nas pessoas.

Deleuze e Guattari entram como pensadores nômades da chamada filosofia da diferença. São pensadores na contracorrente de toda essa representação clássica herdeira do socratismo e do cristianismo e que nos mostraram que a Filosofia é uma arte de criar, de fabricar e inventar conceitos. A participação de Santaella se dá nas tecnologias da inteligência por ser uma das principais divulgadoras da semiótica e do pensamento de Charles Peirce no Brasil.

Paulo Petronílio além de ser meu orientador, suas obras acrescentam em peso à minha pesquisa por ser um autor da diferença, do trágico, do contra fluxo e pós nietzschiano, da arte e as subterrâneos das tribos nômades, errantes e transgressoras. A pós-modernidade. A literatura perversa, rebelde, erótica e desejante. Cartografias musicais, criações, fabulações e outros devaneios. Filosofia e Linguagem da Diferença. Signo e aprendizado em Deleuze e outros "fora", as tribos nômades, experiências viscerais, narrativas, subjetivações, empirismos e subjetividades trágicas e orgiásticas com Michel Maffesoli. Artes, danças, corpo e rituais. Ritos de passagens em Terreiros e outras tribos. Do saber local ao local da cultura. Performances da Cultura *Queer* com suas fronteiras, entre lugares, encruzilhadas, buracos negros, Homoafetividades, Homossocialidades, Drags, Gogoboyes, desejo, erotismos, os marginais, DJ, Fotografia, imagem-texto, imagem-signo, imagem-movimento, Identidade e Diferença na modernidade líquida e pós estruturalistas.

Partindo do pressuposto que o maior interesse seja o levantamento do entendimento da identidade dessas mulheres, primeiro em Stuart Hall, tal conceito aflora em direção à uma instabilidade identitária cultural, alterando por sua vez a ideia de sujeito que temos do outro e

de nós mesmos. “Essa perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2011, p.9) Tal descentramento do sujeito, para o autor, constitui uma “crise de identidade”. Uma construção de sujeito que outrora era fixa e agora se desloca pela experiência do incerto. Mais uma vez tal construção nos leva à um rizoma de Deleuze e Guattari, nos levando a vários segmentos identitários com multiplicidades de significados e representações dentro de um tempo não extenso. A diferença nesse entendimento, a meu ver é o mais próprio para poder falar dessas DJs, ressaltando seu caráter positivo de identidade pois abre-se para o surgimento de novos sujeitos, no caso aqui da pós-modernidade.

Um outro grande autor que subsidiou em tal concepção, foi Homi Bhabha. O autor propõe um questionamento do espaço da representação onde a imagem da pessoa estereotipada é confrontada por sua diferença. O que se interroga não é essa imagem da pessoa, mas o lugar discursivo de onde os questionamentos de identidade são normativamente agregados. “A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (BHABHA, 2013, p.84). Dando sequência nesse entendimento de sujeito na cultura e na construção de identidades, o autor nos territorializa apontando para o “entre-lugar”.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade do mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferentes culturas. (BHABHA, 1998, p.19)

É nesse sentido que as propriedades do entre-lugar agregam as identidades em um movimento fluído nesse lugar da diferença. Lugar este em que essas DJs potencializa a vida na forma de festa. Vidas essas que vibram se impondo contra essa tradicional e paralítica sociedade e política tradicional. “Esses entre-lugares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.”

Michel Maffesoli por sua vez é um sociólogo da vida cotidiana e torna-se necessário se colocar a altura do cotidiano para compreender o vitalismo o orgiasmo, o espírito trágico

dionisíaco que se dá em forma de êxtase na sociabilidade, na conjunção entre DJ e plateia, pois é o DJ que fortalece, intensifica a teia de relações humanas aproximando assim o homem com o coração da sua própria natureza, pois Maffesoli (2011), nos leva para noção de tribos onde “o indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo”. Por essa pesquisa atingir um público da margem e da diferença, esse mesmo autor favorece um respaldo denso discorre sobre a cultura do sentimento, que por sua vez, representa uma vivencia da emocional idade que permeia todos os grupos sociais. Questiona a lógica da identidade como uma união do arcaico e a vitalidade homossexual (paradoxo da pós-modernidade). Essa união retorna ao ajuntamento das agitações orgiásticas contemporâneas produzindo encontro com o outro que é próximo, de sua própria natureza. Não é à toa que vários pesquisadores sobre DJ, fundamentam seus trabalhos em suas obras. Em “A transfiguração do político – A tribalização do mundo - 2011”, por exemplo, demonstra como a razão na modernidade foi transformada em instrumento de controle, expulsando e condenando todas as manifestações afetivas, do inútil, a cultura do sentimento. E também de seu artigo “Homossocialidade: da identidade às identificações” por tratar de uma metamorfose do vínculo social, da revanche do dionisíaco, do envolvimento erótico da vida social, do importante reajuste cotidiano, na qual as homossexualidades constituem uma declaração de guerra aos individualismos e substancialismos do mundo. Mafessoli é um teórico da pós-modernidade, fenomenólogo das tribos, decodificador do presente. Ele se identifica principalmente com as obras de Durkheim, George Simmel, de Marx Weber, entre outros. Mafessoli descreve seus livros como um cosmos plural e em movimento, no qual tribos, pequenos grupos e redes se fazem e desfazem continuamente. Focaliza o olhar nas múltiplas culturas, subculturas e contraculturas que constituem a matriz do fervilhamento pós-moderno. Ele pensa a época presente. Com esse autor consigo dar voz ao intuito da minha pesquisa de forma aprofundada. O DJ é um artista do contra fluxo, caótico, turbilhonador, dionisíaco, a peça mais importante num ambiente festivo com músicas. A formação de tribos dentro desses locais se dá por uma identificação coletiva de se despir. “Como essa ebulição não é planejada, nem racionalmente organizada e nada tem de direcionada, é vivida pelo que é, a expressão de um sentimento coletivo, de uma emoção comum experimentada até então subterraneamente e que de repente jorra abertamente. Aí a intuição da experiência funciona bem: o que vivo com os outros em tal ocasião de efervescência, sei, por um *saber incorporado* (é isso a intuição), que outros podem vivê-lo alhures ou pelos mais diversos motivos. Motivos que podem me ser

desconhecidos, mas cuja essência me é familiar: rituais que servem de anamnese ao estar-junto.” (MAFFESOLI, p.117, 2001)

Ao elencar problemas de gênero, feminismo e subversão das identidades, Judith Butler (2015) apresenta uma rica crítica acerca da identidade. A identidade para a autora, dialoga com a de Hall no fluxo do sujeito pós-moderno, sempre pensada no plural. Butler cristaliza a imagem e cultura das DJs uma vez que instaura o fomento da subversão da identidade da mulher.

Mas ainda por sermos capazes de perceber a arte pela ótica da vida e a vida pela ótica da arte. É por esse mesmo viés que Nietzsche como filósofo dionisiaco nos faz perceber o espírito caótico e desordenador da existência. É ele o DJ, o que provoca o caos, a desordem e movimenta tudo e todos.

Uma definição real acerca do performer DJ foi encontrada na Dissertação de Mestrado de Thiago Tavares das Neves em “Batidas intensas – corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal, na universidade Federal do Rio grande do Norte, sob orientação do Prof. Dr. Josimey Costa da Silva, que diz que “*Dee Jay* ou DJ (Disk Jockey) é o artista da festa, o que controla *vibe* (energia) dos dançantes. Ele mixa (mistura), a batida de duas ou mais músicas na mesma velocidade, nas mesmas *bpm* (batidas por minuto).” (NEVES, 2010, p.9). Ele afirma que a figura do DJ remonta a época dos músicos de Jazz dos anos 50, na qual os fãs se reuniam num clube para escutar os lançamentos musicais e também para dançar. Esse fã, durante os intervalos dos shows mostrava as músicas para a animação coletiva continuar. Detalha ainda que atualmente existem três tipos de DJs: o DJ móbil (móvel), o rádio DJ (opera nas estações de rádios) e o Club DJ (DJ oficial, “residente”, fixo de um clube). Sendo assim, propõe-se fazer um estudo denso acerca da epistemologia com DJ e sua interatividade¹ com o público. A presença da figura profissional DJ é importante por possuir o poder de fazer com que as pessoas na pista se mantenham dionisiacamente excitadas, de efervescência múltipla pelo devir.

O livro de Claudia Assef “Todo DJ já sambou: a história do Disc-jóquei no Brasil”, agrega à minha pesquisa quando resgata com detalhes o tempo em que o DJ era chamado de discotecário e tocava escondido atrás de cortinas. Mostra como esse performer foi evoluindo

¹ A noção de interatividade deve ser encarada a partir de Pierre Levy em Ciberultura. Para ele o que caracteriza a interatividade é a possibilidade de transformar os envolvidos na comunicação, ao mesmo tempo, em emissores e receptores da mensagem.

no Brasil e relata os bastidores de “uma história construída por hedonistas para hedonistas, com todos excessos a eles inerentes” (ASSEF, 2010, p.16). Ela afirma que o DJ é o destilador da grandeza musical, ele impressiona pelo conhecimento, pela sensibilidade e sabe colocar a música certa na hora certa. A jornalista afirma ainda que “na véspera de Natal de 1906, o engenheiro canadense Reginald A. Fedessen transmitiu sinais de rádio não codificados (contendo música e fala) de Brant Rock, na região de Boston, Massachusetts (EUA). ” (ASSEF, 2010, p. 9) Estes sinais foram captados por um grupo de operadores de telégrafos, que navegavam no Atlântico. Fedessen instalou receptores em seus barcos a fim de perceber algo “incomum”. Esse engenheiro discursou lendo um trecho da bíblia, tocou “Oh Holy Night” no violino. Ele tocou uma faixa de um disco intitulada “Largo”, da ópera de Xerxes, de Handel. Aqui para Claudia, surgia o primeiro DJ do mundo. A autora relata que “na década de 80, com o surgimento da cultura underground, a preocupação com o som aumentou” (ASSEF, 2010, p. 241). A autora argumenta que nessa época os brasileiros buscaram a melhora da qualidade de som em seus estabelecimentos festivos que tinha como atração, a música. “Em meados de 90, a nação dançante começou a dar tratamento diferente ao DJ”. Argumenta ainda a capacidade que nessa época, a sociedade teve de perceber que o DJ tinha o poder de mudar vidas, passaram a ser reconhecidos como artistas pop.

Dissertação estará embasada num registro etnográfico da realidade do trabalho dos DJs da cidade de Goiânia, os quais possuem como conteúdo de seus estilos de som, o *house music* com suas características progressivas, vocais de divas e de sons *tribal*² (presente ou não em suas execuções). O estilo *tribal* proporciona uma entrega mais transcendente do indivíduo a música. Este som caracteriza-se pelo uso de sons tribais (sons da selva) com percussão. Pensa-se que o tribal surgiu de uma ligação entre a música africana e a eletrônica. “A batida dos atabaques, tambores do candomblé ou, mais banal, a dos instrumentos de percussão que pontuam as danças sincretistas comercializadas, sem esquecer o *stacatto* do sintetizador dos *disc-jokeys*, responsável pela ambiência das boates ou dos bailes populares, exprime de maneira desenfreada, através da repetição ou da combinação lancinante de algumas notas, o trágico cotidiano disposto a cessar o tempo.” (MAFFESOLI, 2011, p.141).

Tal estilo eletrônico se assemelha ao que Maffesoli classificou como *música disco* “que *jorra*, em profusão, nas casas noturnas através do seu próprio tempo favorece uma espécie de eterno presente”. O mesmo vale, de maneira mais paroxística, para a “*acid house*”, música

² A única definição para o estilo “tribal house”, foi encontrada no site Wikipedia em: http://pt.wikipedia.org/wiki/House_music#Tribal_House Acessado em 15 de novembro de 2014.

feita de fragmentos, cujo ritmo é a tal ponto acelerado que estimula a sensação, nos ouvintes de “planar” na intemporalidade absoluta ou, ainda, de *perder-se, strictissimo sensu*, num conjunto em fusão através do qual se escapa à dramática angústia da passagem do tempo. Certo, esses momentos de loucura musical, essas perdas de si dentro do ritmo, são apenas pontuais, mas exprimem, em tom maior, a concepção de um tempo não direcionado que, com fúria, insiste na importância exacerbada do *carpe diem* (MAFFESOLI, 2011, p. 140). Tornarei evidente a relação também das teorias com as questões políticas e sociais inerentes aos frequentadores e aos próprios DJs. O uso de entorpecentes e a relação da embriaguez para viver esses duplos. Como base, parti de um tipo de estar junto dionisíaco a partir de Mirian Goldenberg em “Nu & Vestido – Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca”. Aqui se percebe uma rica contribuição no que diz respeito ao entendimento de “corpo belo”, anabolizado, virilizado, entorpecido, fazendo enlouquecer o frenesi do estar-junto. A visão mais estimulante que se tem ao abordar essa relação, é a de entender a noção de ritmo não só musical, mas no ritmo da construção dessas relações dionisíacas, onde o autor continua a descrever que... “o *ritmo* como expansão e vivência de um tempo não direcionado, sem a obrigação de responder às injunções do *comput*, ou seja, um tempo não produtivo... “o que impõe limites ao movimento e cerca o fluxo das coisas”. Eu diria, uma espécie de *enraizamento dinâmico*, o que limita, canaliza, mas, ao mesmo tempo, faz a vida ser o que ela é... Nessa perspectiva, o ritmo não está orientado por uma razão externa voltada para um objetivo exterior, mas corresponde antes a uma lógica interna, permitindo a quem a ele se entrega satisfazer-se em si mesmo. Desse ponto de vista, o ritmo é uma forma harmoniosa, inscrita num processo (dinâmico) de pequenas sequências (estática), ajustadas umas às outras”.

A tese de doutorado de Carolina de Camargo Abreu “Experiência Rave: Batidas intensas” pelo programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP, contribuiu com minha pesquisa no que diz respeito ao território paradisíaco e construção de sociabilização no fazer festivo, mas por seu trabalho ser focado na parte antropológica e paradisíaca desses lugares, não me deu respaldo profundo para o entendimento da identidade DJ.

Nathalia Araújo Moreira, em sua dissertação de Mestrado em História na UNB em 2014, orientada pelo professor A. P. Leme, pesquisou sobre “Temporalidade nômade: Raves psicodélicas”. Apesar da mestra citar bastante Carolina de Camargo, sua pesquisa se afunila na temporalidade coletiva, no estar-junto que eterniza o instante festivo. Sua contribuição

como literatura da área foi em manifestar a urgência do presente nesses espaços em um embasamento na pós-modernidade. Nathalia pincela alguns conceitos de identidade em Hall, aprofunda no trágico de Deleuze e com muita propriedade mostra como se dá esse fluxo interacional do coletivo em Maffesoli. 39975019 Helena-Suzi

Hermano Paes Vianna Junior, em sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social na UFRJ em 1987, orientado prof. Gilberto Velho, pesquisou sobre “O baile Funk Carioca: Festas e estilos de vida metropolitanos”. Vianna faz uma etnografia em cima das festas, em especial, os bailes funks cariocas que por sua vez emerge uma heterogeneidade cultural. O autor descreve na íntegra as trocas de signos entre DJ e público neste segmento que é o funk, e avança ao coletar dados do público também, como se sentem a respeito do DJ e o que pensam. Foi a literatura que mais encontrei citações de seus DJs entrevistados, mas não avança no que diz respeito a outros autores que possam fundamentar as entrevistas dos mesmos. O trabalho desse autor se difere no de Carolina de Camargo pois ele estuda periferia e o estilo funk no Rio de Janeiro, bem como uma camada social “baixa”. Já Carolina estuda as relações das múltiplas identidades tanto do espaço quanto do público pesquisando, prevalecendo mais uma outra camada da sociedade por ser festividades de um custo financeiro alto.

É válido compreender que esse êxtase, essa transformação e transporte que se dá na pista festiva acontecem de forma turbilhonada pelo *transe eletrônico*, comandada pela figura do DJ. “esse transe se realiza dentro dessa sala escura como se fosse uma caverna iluminada por imagens nas paredes. A instalação divide-se em três situações que simulam três estágios distintos do transe xamânico. No primeiro estágio, apenas sensações de luz e mutações ocorrem de um modo neurofisiológico: brilho, cores, cintilações, *flashes* de luz, pontos, apagamentos. No segundo estágio, o xamã experiência imagens carregadas de significação emocional como cruzes, cálices, lírios, espadas, cobras e outros símbolos cuja interpretação depende de familiaridade cultural. As mutações exigem dados sobre as condições e mudanças religiosas, geográficas, étnicas, políticas e sociais de acordo com hábitos, emoções e outras experiências individuais. Durante o terceiro estágio, o xamã experiência o mais profundo nível do transe até a agitação incontrolável.” (SANTAELLA, P.88 2004)

Atualmente esse artista evoluiu no que diz respeito ao reconhecimento midiático, mas um retrocesso no que diz respeito à construção de sua identidade. Estéticas compostas (padrão de beleza) foram suficientes para se tornar DJ. Em contrapartida, a presente pesquisa esquadrihará o vasto talento que o mesmo necessita ter para se tornar um grande profissional.

Metodologia

O presente trabalho será sustentado em uma pesquisa bibliográfica “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122); Cartografia de Deleuze e Guattari por ser uma forma de pensar marcada no processo de subjetivação e por valorizar a arte de criação do conteúdo pesquisado e; Trabalho de campo - observação dos participantes bem como entrevistas com as DJs de Goiânia e visitas aos locais festivos em que essas festas se desenvolvem. A elaboração do questionário foi voltada para perguntas, onde poderiam responder minhas necessidades do hibridismo dessa tríade que são: a identidade, a subversão e a performance sempre elencadas ao sentimento. Para compreender a relação do público e a artista, será apresentado relatórios de pesquisa de campo, entrevistas da maioria das DJs da cena GLS da cidade de Goiânia (para entendimento do que compõe a identidade de um DJ para si), bem como vídeos de momentos diferentes de festas para ilustrar a dissertação. Esses dados contribuirão diretamente para a recuperação da história e da memória a partir das narrativas dessas DJs, clareando a complexa definição do ser DJ.

Tais questionamentos apontam para uma perspectiva de transcendência, espiritualidade, intimidade, renovação, comunhão e participação. O todo integrado.

A pesquisa apresentará também uma descrição densa, pois:

Consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades a fim de reconstituir fielmente a vida de cada um deles. O conhecimento dos fatos sociais só é possível a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos sociais, contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano. (LAGE, p.5, 2009)

Tal análise é importante por proporcionar um entendimento da estratégia de Geertz onde o autor relaciona à constante busca antropológica para se enxergar o mundo segundo o ponto de vista nativo, no caso público da festa. Para ele, através da captura de

conceitos que são como experiências próximas para outros indivíduos poder-se-ia tentar esclarecê-los a fim de relacioná-los com os conceitos das experiências mais distantes da compreensão da vida social. Neste pensamento, Geertz acredita que o pesquisador deve descobrir os significados atribuídos pelos nativos às suas práticas e representações. Torna-se mais difícil porque esse entendimento deve estar articulado com conceitos criados cientificamente. Em detrimento disso, terei subsídio para entender o comportamento dos participantes desses ambientes e como essas pessoas, conseguem afetar e serem afetados por esse performer numa espécie de *feedback*. É válido compreendermos que a pesquisa sobre os DJs se dá não somente no ato da festa, mas também na preparação que antecede esse momento.

A parte mais gostosa neste processo é a coleta de informações através das entrevistas, pois:

Diz-se então que a prática etnográfica permite interpretar o mundo social aproximando-se o pesquisador o Outro “estranho”, tornando-o “familiar” ou no procedimento inverso, estranhando o familiar, superando o pesquisador suas representações ingênuas agora substituídas por questões relacionais sobre o universo de pesquisa analisado. (ROCHA, p.6, 2008).

Assim, poderei interpretar este sistema do outro que antes estranho e agora familiar e que orienta a vida e dá conformidade aos valores éticos desses grupos sociais nesse ato festivo, bem como as representações de como viver dentro de um sistema social no estar junto. Sendo assim, serão lançadas no primeiro momento da pesquisa onde apresento as quatro DJs e o restante relevante de suas falas bem como o resgate da memória desse profissional, serão diluídas no interior do texto. Estou realizando as entrevistas, de forma individual, sempre voltadas para a questão da identidade. O agendamento das entrevistas foi realizado de acordo com a disponibilidade que as artistas ofereceram a mim, pesquisador. Entendendo que seus trabalhos não se dão somente no momento em que estão na picape. Existe toda uma preparação para que o sucesso aconteça então no ambiente festivo. Quanto à política das fotos, cliquei momentos do extremo turbilhonamento de suas performances, uma vez que reconheço que um performer pesquisador, deve ser também um pouco etnógrafo, um pouco antropólogo e as vezes se lambuzar nessa efervescência. Para compor uma espécie de *flyer*, as artistas me enviaram fotos de estúdio para refinar a questão de suas “imagens femininas”.

Organização do trabalho

Partindo do pressuposto que se trata de uma figura “esquizo”, de “contra fluxo”, “nômades”, “diferentes”, “excêntricas”, “barulhentas”, artísticas e “dionisíacas”, o trabalho foi organizado em forma da metáfora do *SET* – sequência de músicas que as DJs tocam em seus trabalhos. Entendendo a sequência de um set tocado em uma festa, na maioria das vezes o primeiro set tocado pelo primeiro DJ causa a sensação de um “esquentamento” tanto territorial, social quanto musical, pois as músicas são mais calmas. No entanto, os sets tocados durante a festa, são músicas na maioria das vezes conhecidas que por sua vez faz a pista ferver, já no último set, a responsabilidade da DJ é maior pois o som precisa ser mais “pesado” fazendo com que as pessoas consigam ficar até o final.

LEVANTAMENTO DE DADOS: Serão utilizadas neste trabalho fontes como livros, artigos, sites e materiais audiovisuais relacionados às teorias e práticas acerca dos estudos da performance, da identidade, da música, da mulher e do corpo como arte e performance.

REVISÃO DA LITERATURA (ou Levantamento Bibliográfico): a atualização da revisão da literatura será realizada no início do processo de feitura do trabalho, pois o referencial teórico apresentado no projeto é apenas um levantamento bibliográfico inicial.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: Os dados serão analisados de forma qualitativa, por meio de diálogos, gravações, estudos orientados e reflexões.

VIVÊNCIAS: Serão realizadas atividades práticas, já que o trabalho a ser dissertado será um diálogo entre o estudo prático corporal e as reflexões acerca das teorias. As vivências serão discutidas com o orientador a fim de acertar procedimentos para a realização das mesmas. Serão feitos, também, registros desse processo prático.

FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: Os resultados obtidos serão divulgados através de produção de artigos em revistas especializadas, da escrita e defesa da dissertação, da apresentação de vídeos pautados no processo da pesquisa.

1. PRIMEIRO SET: INTERROGANDO AS IDENTIDADES

A presente pesquisa instiga responder como se constrói a identidade das DJs do sexo feminino, veteranas e calouras, na cidade de Goiânia – Goiás. Profissionais estas que atualmente trabalham nas casas noturnas como: *The Pub*; *Disel*; *Bar Athena* e eventos festivos produzidos fora desses locais fechados, como as conhecidas Pool-parties e *Halloween* da DJ e produtora Érica Lins.

Assisti hoje dia dezesseis de setembro de 2015, no “Jornal Hoje” que transmitiu em rede nacional, uma matéria sobre a predominância das artistas mulheres ao longo dos anos e principalmente no evento “Rock in Rio 2015”. Pude contemplar a atualidade do meu tema proposto e percebi que mundialmente a mulher tem conquistado seu espaço. Não tenho a intenção com essa pesquisa de levantar uma bandeira do feminismo, mas não há como falar desse artista DJ em específico só as mulheres sem antes compreender quem é essa figura. Que gênero é esse e o porquê da tendência de inversão de valores na atualidade. Segundo Michele Rosaldo em “A mulher, a Cultura e a Sociedade” a mulher pode ter um peso importante e de poder na sociedade, mas quando comparada às conquistas dos homens não há um valor ou um reconhecimento da mesma. (ROSALDO, 1979, p.33) É bem verdade que essa afirmação se tornou obsoleta mesmo que ainda de uma forma discreta pois as mulheres vêm conquistando seu espaço, não como muitos gostam de falar como “guerra dos sexos”, mas sim por concordar que todo ser humano independente de seu seguimento sexual, religioso ou social merece seu espaço. Foi por isso que me interessei profundamente por essa figura, a mulher, que também considero *queer* na perspectiva de Salih e Judith Butler. A palavra *queer* segundo elas, é usada para se referir a pessoas que não se enquadram na norma heterossexual, conferindo a elas um estatuto de “estranho” ou “bizarro”, passa a ser (re)significada para afirmar pessoas cujas subjetivações realizam, de uma maneira ou de outra, abalos nas estruturas normatizadoras de sujeito.

A ideia de que identidade é um construto performativo [...] o sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e “encena” sua identidade um palco metafórico de sua própria escolha; é uma sequência de atos, mas ela argumenta que não existe um ator (um performer) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito. (SALIH, 2013, p.65)

Esse sujeito em pleno século XXI está descentrado, à margem. Existe uma liquidez nas propriedades impostas pelas instituições tradicionais. Eis que surge uma nova construção de identidade para essas mulheres. Sendo assim, dificilmente se via em festas dos mais

variados segmentos, a presença da mulher como DJ. Atualmente no circuito brasileiro e mundial é possível notar que esse quadro mudou positivamente. Se lugar de mulher é em todos os lugares, porque não na picafe de uma pista de dança?

É dessa mulher independente que Simone de Beauvoir fala com bastante propriedade e poesia. Para a autora, “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. (BEAUVOIR, 2008, p.47) A autora que se refere a mulher como “o segundo sexo” instiga uma reflexão não somente à mulher, mas a todas identidades contemporâneas. Sendo assim se a mulher conquistou seu poder merecido através do trabalho, as obrigações cotidianas também devem ser divididas aos homens como um todo. Para Beauvoir ninguém nasce mulher, e sim se torna mulher. Nesse sentido a construção das identidades errantes é o foco desta pesquisa que está em cima da figura feminina. Para isso, as DJs escolhidas para darem respaldo à minha pesquisa são: **DJ Fran de Carvalho, DJ Laurize, DJ Érica Lins e DJ Suzy Prado** que apresento aqui um pouco da construção de suas identidades e o poder que essas artistas possuem no meio artístico. Ora recuperar o processo de construção das identidades musical e estética é buscar a memória artística e performática em cada uma delas pois memória e vida estão intimamente ligadas. Pesquisar sobre a performatividade dessas mulheres se faz importante pelo seu caráter inovador e arrojado, principalmente no que diz respeito a construção de suas identidades. Importa que esse ângulo da performance seja analisado, como Bhabha bem problematizou, como o local do “entre-lugar”.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade do mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferentes culturas. (BHABHA, 1998, p.19)

É nesse sentido que as propriedades do entre-lugar agregam as identidades em um movimento fluído nesse lugar da diferença. Lugar este em que essas DJs potencializa a vida na forma de festa. Vidas essas que vibram se impondo contra essa tradicional e parálitica sociedade e política tradicional. “Esses entre-lugares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.” Aqui uma nova sociedade se impõe, se constrói e desconstrói no que Deleuze

e Guattari contextualizou como “rizoma”. É aqui onde se encontra a performance subversiva da diferença que não se pode negar nem encarcerar. São os lugares dos “interstícios”.

É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)? (BHABHA, 1998, p.20)

Essa indagação de Bhabha é o ponto de partida pela qual surge o interesse por essa pesquisa – a de compreender como se constrói a identidade da mulher DJ de uma forma subversiva. Te convido a se jogar pois a partir de agora aperto o *play* e apresento o *playlist* das musas que irão vibrar as vidas do pensamento.

1.1 DJ LAURIZE: “INCONFUNDÍVEL IDENTIDADE MUSICAL”



Laurize de Oliveira atualmente é um ícone como mulher DJ na cena GLS pela vasta experiência nas festas eletrônicas no Brasil. Essa artista de 14 anos de carreira, numa entrevista cedida em dezessete de junho de 2015, afirmou ter se tornado uma DJ sem nunca ter feito algum curso para tal. Começou a tocar em festas de amigos em meados de 2001 tendo sua carreira alavancada quando se tornou DJ residente da boate *The Pub*, inaugurada em 2005. Laurize diz ter se apaixonado pela música eletrônica, a partir de 1992 quando frequentou festas estilizadas, onde o DJ fazia a pista delirar, “ia em todas as festas e ficava impressionada com as performances dos DJs, achava aquilo maravilhoso...vi que eu queria aquilo, me fazia bem...isso é o que me move.” A DJ que fez varias mudanças em seu visual, vê o mercado para DJs mulheres como um mercado amplo. Antes, Laurize era conhecida como a DJ do cabelo vermelho, mas atualmente mudou radicalmente para o loiro pastel. Para ela, o que compõe a identidade de um DJ é o estilo musical. É isso que caracteriza o que ela chama de “identidade musical”. “O povo costuma muito brincar comigo e falar assim, que quando eles estão chegando numa festa, num clube ou determinado local que eles vão, que eles já sabem “não essa não é a Laurize ainda” ou “nossa a Laurize já tá tocando, vamo lá”.

Mesmo sendo músicas diferentes a cada apresentação as pessoas já identificam o meu estilo de tocar, então a identidade do DJ, primeiramente é daquele estilo que ele toca... (DJ LAURIZE) A DJ sempre viu o mercado da noite como vantajoso para as mulheres. Para ela, lugar de mulher é na picape³.

1.2 DJ ERICA LINS: “UMA DJ DE PERSONALIDADE”



Erica Lins possui 18 anos de carreira como DJ e atualmente além desse trabalho, é empresária de festas do segmento GLS e também é locadora de som com estrutura geral para eventos. Em entrevista cedida em dois de junho de 2015, essa performer disse ter sido a primeira mulher DJ na cena GLS e que começou tocando em festinhas em residências que na sequência foi convidada para tocar em festas grandes, onde obteve crescimento e reconhecimento. Atualmente a DJ é residente na boate *Disel*, mas também faz trabalhos fora de Goiânia. Quando é contratada para produzir alguma festa, ela prefere não tocar. Erica, DJ do estilo house tribal, teve influência através de sua família que também são da área da música. Seus dois irmãos também são DJs, mas não trabalham como profissionais. Essa artista que usou por anos um visual do tipo “largado” com cabelos em forma de *drads*, atualmente transformou seu look para um estilo mais “patricinha”, com cabelos escovados e bastante maquiagem. “A identidade de um DJ se constrói com a personalidade. A pessoa ter

³ Picape: Termo usado pelas DJs entrevistadas como sendo o local onde se coloca os instrumentos para trabalhar na festa como CDJ, pasta de CDs, pen drives, o *mixer* etc...

característica própria do que se vai fazer. Minha personalidade tem que existir, ser o mais predominante”. Erica é uma das poucas DJs que se utiliza na composição de seus *sets* a predominância do estilo *house tribal*. Isso faz toda diferença na pista, uma vez que o que mais se ouve são hits com vocais em batidas não muito percussivas.

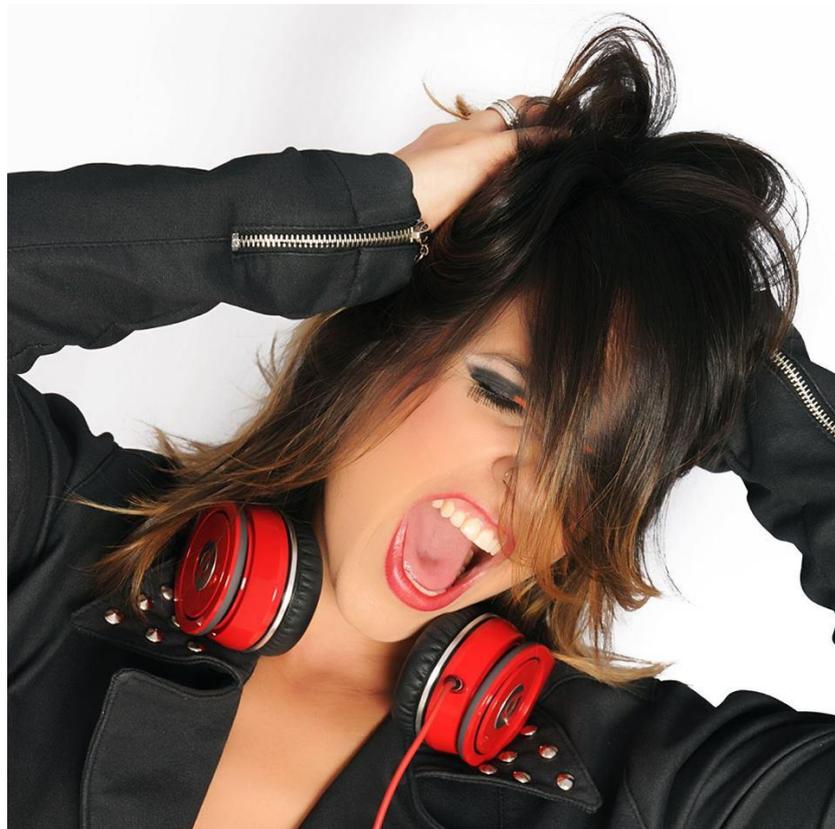
1.3 DJ FRAN DE CARVALHO: “O AMOR À MÚSICA”



Fran de Carvalho possui 9 anos de carreira como DJ, em entrevista cedida dia trinta de maio de 2015, disse que seu contato com a música foi desde criança mexendo nos discos e nas fitas de música de seu pai, a artista pensava que viria a ser uma dançarina ou bailarina, mas foi na picape comanda a alegria coletiva que ela se realizou como profissional. Mudou-se pra Goiânia em 2001 e foi conhecer uma boate que se chamava *Boate Jump*. Lá ela presenciou a performance de um grande DJ pioneiro na cidade de Goiânia, *DJ Silver*. “Eu descobri naquela hora o que era DJ, tanto que hoje ele pra mim é minha mãe, eu falo que ele é minha mãe. Aí eu disse - isso aí que é ser DJ, é isso aí que eu quero...”. A DJ iniciou sua carreira tocando pra eventos “heteros” “Não era muito minha praia não”. Na sequência passou a fazer participações trocando CDs num estabelecimento chamado “Rancho Goiás”, passou a usar computador pois não sabia ainda manusear o aparelho CDj pois segundo ela o curso era muito caro e só tinha em Brasília. A performer se consolidou nas festas da chácara *Domingueira*

Millenium e comandando uma pista numa festa anual chamada *Halloween*, da produtora Erica Lins. Atualmente trabalha no *Athena* em Goiânia como DJ, no projeto das terças do *Salto Alto* onde predomina estilos dançantes brasileiros como axé, forró, funk, etc. Essa DJ que é mãe reforça que o que compõe a identidade de um DJ é amor a música. “Se você pegar num equipamento técnico você aprende e as outras coisas, estilo você vai pegando. Entendeu, roupa isso é consequência. Se você tiver amor a musica você vai...”.

1.4 DJ SUZY PRADO: “SE MOLDANDO PELA EXPERIÊNCIA”



Suzy Prado é a mais nova das DJs da pesquisa possuindo 4 anos de carreira, mas grande em talento e simpatia. Em uma entrevista cedida dia dois de junho de 2015, disse que trabalha atualmente somente como DJ residente do *The Pub*. A artista começou seu contato com a musica sendo promotor numa boate que se chamava “*Moon Black*”, se apaixonou pela profissão DJ e foi fazer o curso em Brasília na “*DJ Academy*”. Sua maior oportunidade de crescimento como profissional se deu no “*Athena*” por onde trabalhou por 4 anos. A artista disse na entrevista que começou sozinha, pois não tinha conhecidos na noite. “Tem muitas pessoas que infelizmente não gostam de ver o novo, tem medo de perder o seu lugar, mas com

muita sabedoria que Deus me deu eu consegui...” (DJ Suzy) Na opinião da DJ, a identidade de um DJ se constrói ao longo da trajetória e da experiência, tanto quanto ao estilo musical quanto ao estilo visual. A característica marcante das musicas de seus sets é um som *progressivo*⁴, enquadrado geralmente na ultima parte do *line-up*⁵ da festa.

2. SEGUNDO SET: IDENTIDADE, SENTIMENTO E CULTURA

2.1 O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS DJS

Uma das partes mais importantes dessa pesquisa é esquadrihar como se dá a construção da identidade do performer DJ da cena GLS⁶, uma vez que o público é caracterizado por ser exigente, por ser diferente. Talvez seja por esse motivo que existe uma grande dificuldade dos DJs “heteros” segundo os relatos, possuem em alcançar o êxtase desse mesmo público. Pelas entrevistas que colhi com DJs aqui em Goiânia, nota-se que a sensibilidade da parte dos DJs homoafetivos, tendem ser maior. A noção de identidade para minha pesquisa partiu dos variados conceitos do artigo de Maffesoli em “Homossocialidade: da identidade às identificações”, por fazer respaldo nas raízes do tribalismo pós-moderno. O mesmo “sintetiza acentuando os aspectos simultaneamente arcaicos e juvenis da homossocialidade e sublinha sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo e da lógica da identidade. ” (MAFFESOLI, 2015, p.2). Para o autor, essa pós-modernidade é caracterizada por uma causa e efeito de um bem estar social, retorno dos tempos das tribos. Tal característica está impregnada no fazer festivo desses DJs com seu público, no caso, para o gênero GLS. Ingressam no prazer do estar-junto, no momento intenso vivendo um gozo no mundo tal como ele é, sem repressões, libertário, puros estratos da natureza humana.

Maffesoli afirma ainda que “alguns críticos consideram o tribalismo de conotação homossexual, como traço da faixa de idade, de uma androginia prolongada” (MAFFESOLI, 2015, p.4), ou seja, uma dança cósmica acontecendo no próprio “eu”; o poder, a conquista e decisão da energia masculina fundida à beleza, a intuição, o cuidado, o afeto e a sabedoria

⁴ Progressivo: Em entrevista cedida pela DJ Suzy Prado em 02/06/2015, ela afirma ser um estilo musical que surgiu na Inglaterra buscando uma fusão da música pop, música clássica, jazz e até folclore celta, explorando ao máximo uma tecnologia de mixagem de teclados eletrônicos como sintetizador, tornando os arranjos pesados.

⁵ Line-up: Expressão usada pelos produtores de festas e DJs que designa lista de todos DJs que tocarão em determinada festa.

⁶ GLS: Sigla usada para designar o segmento de *Gays, Lésbicas e Simpatizantes*.

feminina. É a união do arcaico e a vitalidade homossexual como paradoxo da pós-modernidade. Essa união retorna ao ajuntamento das agitações orgiásticas contemporâneas produzindo encontro com o outro que é próximo, de sua própria natureza.

É precisamente esse arquétipo que o neotribalismo de caráter homossexual põe em dificuldades. Seu ator constitui, pois, o arquétipo andrógino que, em seus atos e em sua maneira de agir, salienta o sentir, a encenação do corpo, reafirmando, antes de mais nada, a fidelidade ao que é. (MAFFESOLI, 2015, p.5)

No instante festivo dessas tribos ouve-se um grito uníssono dando característica comum a essa lógica da identidade. O DJ se afirma em seu set e em sua performance segundo a intervenção marcante e participativa desse tipo de público. Tal rito difere como ocorre, por exemplo, em festas *raves* ou intituladas festas *heterossexuais*. Certamente porque

tal fidelidade não significa, em nada, uma aceitação do *status quo* político, econômico ou social. Longe disso! Pode-se estabelecer uma relação estrutural entre Dionísio, o tribalismo e as bacanais homossexuais: tudo como coisas anômicas, acentuando o aspecto pagão, lúdico, desordenado da existência. Assim, é no interior das sociedades excessivamente racionalizadoras, sociedades higienizadas, sociedades dedicadas a banir toda ameaça, qualquer que seja, é no interior dessas sociedades que a barbárie retorna. É esse igualmente o sentido da homossocialidade. (MAFFESOLI, 2015, p.6)

Essa relação ocorre em quase todos espaços festivos em relação à efervescência e ao turbilhonamento que a festa causa, mas fora desse momento, essa homossocialidade não é tão evidente nessas sociedades racionais e higienizadoras, que dizem incluir, mas não inclui.

Em “Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais”, Tomaz Tadeu faz uma referência inicial sobre identidade e diferença. “A identidade é aquilo que se é, e a diferença é aquilo que o outro é”. Para o autor elas simplesmente existem. O entendimento acerca destes significados só faz sentido se compreendidas numa relação da diferença com a identidade. “Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. (SILVA, 2012, p.74) Identidade e a diferença precisam ser ativamente produzidas, são componentes existentes em um contexto de relações culturais e sociais e são criadas por meios de atos de linguagem. (p.76) O autor afirma que é apenas pelo ato de comunicação (fala) que instituímos a identidade e a diferença como tais e são instáveis. “Afirmar identidade significa demarcar fronteiras, fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora”. Tal demarcação territorial segundo o autor reafirma relações de poder (SILVA, 2012, p.82). Nesse sentido a identidade e diferença adquirem sentido por meio da representação. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (p.91). Aqui percebemos a ação por meio de uma linguagem.

Já em “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall define identidade contrapondo binarismos tradicionais acerca do sujeito onde era o “centro” do ser. Para o autor é necessário um descentramento desse sujeito, pensando-o em uma nova posição, deslocando e descentrando-o, retirando do centro. Hall trabalha com três concepções de identidade: **1) Sujeito do Iluminismo**, que é aquele sujeito centrado, dotado da capacidade da razão, de consciência e ação, ou seja, o centro essencial do eu. (HALL, 2011, p.10); **2) Sujeito Sociológico**, que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência era formada da relação com “outras pessoas importantes para ele”. Interação do “eu” com a alteridade. (HALL, 2011, p.11) Aqui visualizo uma metáfora “diga com quem tu andas que direi quem tu és” que ouvi muito de minha avó; **3) Sujeito pós-moderno**, onde aqui este sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Por isso podemos dizer que a identidade Nacional é produzida dando a noção de pertencimento. Neste caso a identidade torna-se uma celebração móvel sendo diretamente influenciado pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Entendo que o sujeito assume uma pluralidade de identidades para situações variadas. A identidade aqui é sempre momentânea, ou seja, incompleta e plural. (HALL, 2011, p.13)

Hall ainda classifica esses descentramentos do sujeito em Marx, que diz que os homens fazem a história, mas apenas na condição que são dadas, ou seja, os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser o autores da história. Para Marx (há uma essência universal de homem; essa essência é o atributo de cada indivíduo singular, o qual é seu sujeito real. (HALL, 2011, p.34); em Freud onde afirma que nossas identidades e desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. Nesse sentido a identidade se forma ao longo do tempo, não é algo nato. (HALL, 2011, p.36) e em Saussure onde argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Existe aqui uma analogia entre língua e identidade. (HALL, 2011, p.40). Todas essas definições me permitem compreender melhor, uma forma aproximada da construção da identidade de um DJ. Esse artista possui identidades para fins diferentes artisticamente falando, portanto sua identidade não é fixa, ela é plural, ele é um sujeito excêntrico, nômade (aqui Deleuze dissolve também essa noção de centro, inexistindo começo e fim, mas sim o meio) o DJ está no “entre lugar”, percebo esse nomadismo também pela definição de Navarro onde diz sobre essa identidade que é: “uma heterotopia de mim, um

espaço outro, que, conectados a todos os espaços dos quais eu falo e sou, abre o caminho para transformação”. (SWAIN, 2005, p.340) Nesse sentido o DJ possui seu duplo por ser além daquilo que parece ser, é migratório e transitório, um “lugar sem lugar”.

2.2 A CULTURA DO FEELING OU DO SENTIMENTO?

Como já argumentado, o instrumento de maior importância que o DJ necessita possuir é a sensibilidade para as músicas que irá tocar e o que realmente a maioria daquele público presente pede para ouvir através das trocas de signos. Para Maffesoli

Não se trata de desenvolver aqui a temática da naturalização da cultura. Basta indicar que através do ritual, do ritmo repetitivo, um “sentimento trágico da vida” ganha novas forças de maneira não mais individual, mas coletiva. Para continuar na metáfora musical, há na ambiência do momento uma espécie de refrão do fado, de antiga memória, que exprime, além ou aquém do ativismo voluntário, a submissão ao destino, a aceitação, mesmo a afirmação, do que é. (MAFFESOLI, 2011, p. 142)

Para o autor, essa cultura do sentimento representa uma vivência da emocionalidade que permeia todos os grupos sociais. Para ele existe uma consciência coletiva, que cimenta as relações sociais e se configura com um estar prazeroso, que marca as dimensões da vida dos sujeitos. Dialogando com Maffesoli, Nietzsche denomina sentimento como “uma filosofia da concepção de um complexo de representações inconscientes e de estados da Vontade”. (NIETZSCHE, 2005, p. 32) Sonho e embriaguez fazem parte deste fazer dançante, prazeroso, em grupo, onde o próprio DJ persuade com as ondas sonoras das músicas. “O que nos remonta a um pensamento do ventre, um pensamento que saiba encarregar-se dos sentidos, das paixões e das emoções comuns, dos afetos: cultura do sentimento!” (MAFFESOLI, p.8). Existe aqui, fenômenos psíquicos de prazeres e dores que possuem raiz na natureza natural, humana e social. A vontade e sentimento prevalecem no coletivo, e acontece uma espécie de identidade de indivíduo com indivíduo e de DJ com público.

No que diz respeito ao sentimento, ela traz uma grande contribuição filosófica afirmando que tal ação abstrata se dá através do pensamento e imaginação que fazemos acerca da alteridade e do mundo que nos cerca.

É a sensação lembrada e prevista, temida ou procurada ou mesmo imaginada e esquivada que é importante na vida humana. É a percepção moldada pela imaginação que nos dá o mundo externo que conhecemos. (LANGER, 1980, p.386)

Em outras palavras, através do pensamento e da imaginação, temos não só sentimentos como signos emitidos, mas sim uma vida de sentimento. Tal sentimento se dá num fluxo

gerando tensões nervosas e musculares. A autora reforça que a abstração sentimental de uma obra de arte, acontece em um plano mais intelectual através da sensibilidade do espectador. Uma mesma obra de arte poderá ser chamada de alegre por um espectador e de triste por outro, mas o que ela (a obra de arte) transmite é um momento de “vida sentida” em uma troca de signos através de um símbolo artístico, mesmo que este espectador jamais tenha vivenciado tal experiência. A abordagem acima me faz relacionar, mesmo que de forma indireta, com meu projeto na parte em que o DJ enquanto obra de arte emite e recebe signos. Mesmo que o espectador não conheça o conteúdo de suas músicas, através da sensibilidade, esse indivíduo devolve signos através da influencia das musicas alcançadas por esse DJ. Consigo pensar essa prodigiosa troca de signos, na concepção de Deleuze em “Proust e os signos”, apesar dessa obra nos levar para uma busca inconsciente e involuntária da verdade que se opõe à filosofia da identidade e da representação, formulando uma filosofia da diferença.

A forma afeta nosso sentimento, tal forma pode ser tanto abstrata como concreta. O sentimento muda nossa percepção da forma. Ambos se constituem um tipo de presença. A autora argumenta sobre as mais variadas formas artísticas como: dança, teatro, filme, musica e outros, por entender que tudo isso é um dialogo múltiplo pelo peso das suas simbologias.

A parte que fui mais afetado nas duas obras foi no que diz respeito a musica como construção e influencia simbólica e o movimento de seus signos. Na primeira obra, Langer faz uma visão da musica como um forte componente artístico e diz: “o valor artístico é a beleza no sentido mais amplo.” Para ela, a ideia artística é sempre uma concepção mais profunda. Ela cita Clive Bell, onde o mesmo argumenta que “Beleza é apenas expressividade, e a verdadeira forma artística... é a forma expressiva”. (LANGER, 1971, p.205) Outra pontuação interessante acerca da música é que “ela exhibe a forma pura como sua própria essência.” Por esse motivo a autora adverte às falácias que pessoas fazem acerca desse entendimento, pois o som é o meio mais fácil a usar de um modo puramente artístico, mas o mesmo não pode ser suposto que através da música estamos estudando todas as artes, como se toda a essência da música fosse aplicável à pintura, à arquitetura, à poesia, à dança e ao drama. (LANGER, 1971, p.210)

Na sequência, pude mais uma vez relacionar com minha pesquisa quando a autora diz sobre a reação que a música nos faz em forma de resposta emocional. “Sabe-se que a música, na verdade, afeta o ritmo da pulsação e da respiração, facilita ou perturba a concentração, excita ou relaxa o organismo, enquanto dura o estímulo, mas a música não influencia o comportamento.” (LANGER, 1971, p.212) Está aí a grande ferramenta em potencial dos DJs. De turbilhonar os vivos nessa prodigiosa troca de signos. Nesse sentido o DJ como a espécie de um xamã, tem o poder musical de fazer a pista viver uma espécie de êxtase e até de fazer com que as pessoas consumam maior quantidade de bebidas através das músicas tocadas. Concordando com meu argumento, Langer lista efeitos possíveis alcançados através da música como: triste, serio, com vontade de dançar, agitado, excitado, devoto, alegre, feliz, repousado, entretido, sentimental, saudoso, patriótico, irritado.

É plausível enfatizar que o DJ como um signo performativo carrega em si o sentimento, o “*feeling*”⁷ capaz de transportar e ao mesmo tempo transformar o público em uma vibe caótica e dançante.

O DJ como artista, como portador ou porta voz de sentimento e da sensação transforma-se no prodigioso emissor de signos, pois entre ele e a platéia existe uma troca “A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos”. (DELEUZE 2003 p. 4). Alguém só se torna pedagogo porque antes da teoria, foi sensível aos ensinamentos da infância, um marceneiro, se sensível aos signos da madeira, um médico, se sensível aos signos da doença e DJ, se sensível aos signos das músicas e da capacidade de nomadizá-las e recriá-las para atingir de forma profunda o seu público. Ao mesmo tempo em que o DJ afeta o íntimo do indivíduo ele é afetado pelo mesmo.

Essa relação concorda com Maffesoli quando diz que

“... Como essa ebulição não é planejada, nem racionalmente organizada e nada tem de direcionada, é vivida pelo que é, a expressão de um sentimento coletivo, de uma emoção comum experimentada até então subterraneamente e que de repente jorra abertamente. Aí a intuição da experiência funciona bem: o que vivo com os outros em tal ocasião de efervescência, sei, por um *saber incorporado* (é isso a intuição), que outros podem vivê-lo alhures ou pelos mais diversos motivos. Motivos que podem me ser desconhecidos, mas cuja essência me é familiar: rituais que servem de anamnese ao estar - junto”. (MAFFESOLI, 2001, p.117)

⁷ *Feeling*, pelo dicionário “Oxford Escolar” significa: sensação (de algo). Já para Thiago Neves em sua dissertação de Mestrado em “Batidas Intensas” 2010, diz ser a comunicação plena entre DJs e público num puro êxtase e transe.

É a partir daí que podemos pensar o DJ como artista da vida, pois é preciso perceber a vida pela ótica da arte e a arte pela ótica da vida. É nesse sentido que o DJ é um afirmador da vida capaz de fazer o mundo dançar.

As noções elaboradas de publico afetado pelo DJ permitem refletir sobre a plasticidade do corpo e sua capacidade de incorporação do mundo por meio da criação de um espaço expressivo no qual se instala a dramaturgia do corpo, do espaço, do tempo, dos mundos imaginários e simbólicos... no transe⁸. Esse transe pode ser comparado na maioria das vezes com uma espécie de contágio espiritual como acontece em algumas religiões. A autora Lucia Santaella (2004) em sua obra *Corpo e Comunicação sintoma da cultura*, relaciona ainda o TRANS-E citando Domingues que diz que “as tecnologias digitais possibilitam um ritual eletrônico. Corpos conectados dialogam com memórias eletrônicas e podem experienciar alucinações virtuais em tempo real.” (SANTAELLA, 2004, p.87). Para a autora a interferência da musica no corpo se transforma em um tipo de onda uníssona onde a fisiologia do corpo, mente e a influencia sonora e do ambiente se tornam uma, de modo que se movimentam de uma forma só.

Nesse mesmo sentido, Thiago das Neves relaciona essa experiência do DJ como controlador da alegria coletiva com a de um *xamã cibernético*.

O xamã é um sacerdote inspirado que, em transe extático, ascende aos céus em “viagens”. No transcorrer dessas jornadas, ele persuade ou até mesmo luta com os deuses, a fim de assegurar benefícios para os seus semelhantes. A palavra xamã significa literalmente alguém que está excitado, comovido ou elevado. (NEVES, 2010, p. 27)

É importante evidenciar que o corpo aqui é a matriz da obra de arte, o “centro absoluto de nosso universo simbólico – um micro modelo para a humanidade – e ao mesmo tempo, uma metáfora para um macro corpo político-social.” (GÓMEZ-PEÑA, 2005, p. 204).

Nossa cultura é formada por diversas tribos e buscar a compreensão da dança, da música e dos rituais somente pelo seu sentido dinâmico e superficial, demonstraria uma exclusão preconceituosa acerca da identidade dos DJs. Existe uma desordem afirmadora da

⁸ A concepção de **transe** foi com base em na obra de Lucia Santaella “Corpo e Comunicação” (2004:86) onde diz-se que os xamãs, em seus estados alterados de consciência (transe), se comunicam com o além intervindo no mundo real... dialogam com os espíritos. Afirmo que as tecnologias digitais permitem diálogos com os dados invisíveis das memórias eletrônicas, modificando as imagens em sucessivas metamorfoses... As redes neurais, inspiradas em nosso sistema nervoso biológico, entendem alguns padrões de comportamento e regem os dados provocando “alucinações virtuais”.

vida entre o DJ e o público. A Academia precisa se abrir pra esse horizonte da diferença, uma vez que a figura do DJ é altamente performativa. Tal performance dá-se a partir de uma área festiva, dionisíaca, caótica, confusional e avessa as regras disciplinares propostas inclusive pelos estabelecimentos de ensino. Por mais que o DJ seja autor do caos existe uma pedagogia inerente a esse profissional que é a instauração de uma certa ordem, seja na criação dos seus sets, seja no feeling necessário da relação do DJ com seu público, enfim, seja a vida como obra de arte. Ele é artista de si mesmo e inventor de novas possibilidades de vida no outro, que nasce no momento de prazer na pista, que é também um momento de lazer. “É preciso, também, encontrar a palavra adequada para designar a vitalidade não ativa das tribos pós-modernas. Vitalidade, então, da “criança eterna”, um pouco lúdica, um pouco anômica” (MAFFESOLI 2006, p.9). Nesse momento o DJ é capaz de fazer com que o indivíduo encontre uma segunda vida. Se transporte para outra realidade, porém não falsa, porque renasce de dentro de si mesmo. É preciso compreender e valorizar o papel desse profissional tão marginalizado, mas que possui um poder de persuasão vital na vida de quem busca novas possibilidades de alegria, prazer e mudança.

Outro fator importante que a autora faz acerca da música é citando o musicólogo Charles Avison, que diz que “a força que o som tem de alarmar as paixões é prodigiosa”, ou seja, é de grande poder extraordinário. Existem sons inerentes à alegria, outros à tristeza, outros ao amor e, ouvindo-os, nós naturalmente simpatizamos com aqueles que gozam ou sofrem. Penso esse argumento como um tipo de identificação que tempos num estado de emoção com a expressão que a mesma, coincidentemente nos dá. A autora afirma que essa simpatia a qual chamei de identificação, se dá pela interferência do músico que é “aquele que produz a música e está extravasando os sentimentos reais de seu coração. A música é sua avenida de auto-expressão, ele confessa suas emoções a um auditório, ou na solidão.” Mas antes ele precisa primeiro comover a si mesmo, se afetando primeiro para depois afetar seus ouvintes. (LANGER, 1971, p.214) “O que a musica expressa, é eterno, infinito e ideal.” p.221

Ainda sobre a música em “Sentimento e Forma”, Langer complementa com sua obra anterior, dizendo que a música origina-se de sua íntima relação com a vida dos sentimentos e que a função da música não é a estimulação dos sentimentos, mas a expressão deles, uma expressão simbólica das formas de sensibilidade extrapolando os sentimentos mais do que seu próprio estado emocional. (LANGER, 1980, p.30) Nesse sentido é possível ver a musica como arte. O objeto extrapola o conjunto dos símbolos contribuindo para uma valoração artística.

As máscaras são expressões controladas e ecos admiráveis do sentimento, ao mesmo tempo fiéis, discretas e supremas. As coisas vivas em contato com o ar devem adquirir uma cutícula, e não pode argumentar que as cutículas não são corações... (GOFFMAN, 2008, p.131)

Nesse sentido as máscaras são as reais formas do sentimento por subjetivar um estado emocional. É no fazer festivo que se percebe tais máscaras, não são falsas, pois afirmam a vida e isso não se pode desconsiderar. Em um mundo de pleno caos, é possível considerar que qualquer forma de felicidade é bem-vinda. É então o sentimento ou feeling a maior ferramenta dos DJs.

2.3 IDENTIDADES NÔMADES

Convém aqui esquadrihar as identidades destes pedaços GLS, por sua liquidez e por sua multiplicidade, não possui rótulos, é anti-normativo e se dá num fluxo. Vai de encontro com o anti-binarismo proposto por Tania Navarro Swain quando diz que:

É a prática da sexualidade, portanto que organiza o “eu” e faz de mim uma identidade inteligível, jogo de verdades que cria a ilusão de um sujeito ontologicamente definido por sua sujeição/resistências às práticas regulatórias. Temos assim mulheres, homens – identidades definidas num esquema binário, heterossexual, reprodutivo, “natural” – rodeados de uma multidão de práticas que traduzem identidades incompletas, incorretas, incômodas. (SWAIN, 2005, p.326)

Para a autora que bebe em Deleuze e Foucault para questionar a identidade do eu e de si mesmo, no que ela chama de “identidades sexuadas”, não são por traços biológicos ou por convenções sexuais sócio-históricas que definem o gênero. Em sua concepção se dá em forma de rizoma, ou seja, não há fixidez, está sim em movimento e em constante transformação. “A identidade de gênero institui sua própria imagem e se realiza em sua atualização: o “eu” se torna possível enquanto sujeito através das técnicas de mim”. (SWAIN, 2005, p.330) É uma relação de mundo exterior e mundo interior, então o gênero é que cria o sexo. É o sexo como norma cultural na busca de afirmação de si enfraquecendo o significante geral do sexo biológico, passando a ser um signo homogêneo no seio do agenciamento social. Mais uma vez, um sujeito que é descentrado. Tal caracterização é perceptível nessa linhagem de DJs que não se fixam a binarismos nem a um território específico. É somente linhas de subversão onde o instante é que conta, o desejo, o sexo pela afirmação de ser e por assim dizer, da vida.

Pesquisar sobre a performatividade das mulheres se faz importante pelo seu caráter inovador e arrojado, principalmente no que diz respeito a construção de suas identidades. Importa que esse ângulo da performance seja analisado, como Bhabha bem problematizou, como o local do “entre-lugar”.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade do mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferentes culturas. (BHABHA, 1998, p.19)

É nesse sentido que as propriedades do entre-lugar agregam as identidades em um movimento fluído nesse lugar da diferença. Lugar este em que essas DJs potencializa a vida na forma de festa. Vidas essas que vibram se impondo contra essa tradicional e parálitica sociedade e política tradicional. “Esses entre-lugares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.” Aqui uma nova sociedade se impõe, se constrói e desconstrói no que Deleuze e Guattari contextualizou como “rizoma”. É aqui onde se encontra a performance subversiva da diferença que não se pode negar nem encarcerar. São os lugares dos “interstícios”.

3. TERCEIRO SET: SUBVERSÃO, FEMINISMO E ARTE

3.1 MULHER E A MÚSICA

Meu recorte proposto nessa pesquisa se dará a partir das mulheres DJs que atuam na cena GLS da cidade de Goiânia, em específico as Djs Érica Lins, Suzy Prado, Laurize e Fran de Carvalho. Para suporte epistemológico estarei fazendo um fio condutor a partir de Judith Butler. Essa autora é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética. Um dos desdobramentos do pensamento de Butler seria o fortalecimento das teorias *queer*, dos movimentos de gays, lésbicas e transgêneros e de um certo abandono do feminismo como uma bandeira ultrapassada. É pela riqueza subversiva que suas obras se tornam indispensáveis para minha pesquisa e me permitem pensar a evolução da construção da identidade da mulher nesse contexto profissional.

Nessa perspectiva, a presença da mulher como DJ revela um poder excêntrico e esquizofrênico de animadoras da inteligência coletiva, ao mesmo tempo em que caotiza a ordem e ordena o caos, territorializa e desterritorializa e fazendo isso proporciona um novo território. É criadora de monstros pois cria em cima do original, possibilitam fluxos na pista porque fora dela, as pessoas podem estar reprimidas e dentro dela, se vêem possibilitadas de exaurirem. Elas são embaralhadoras dos códigos, elas extraem os afectos das afecções e os perceptos das percepções. Como diz Petronílio:

Mas existem trocas de afectos e perceptos. Afectos que brotam de uma força, de uma potência dionisíaca no ato de ensinar-aprender. Não significa que o mestre se transforma em uma figura paterna que mostra os caminhos que os alunos devem seguir. Pelo contrário. O mestre é um animador da inteligência coletiva, como um DJ, responsável por manter a multidão dionisicamente excitada, lançando seus dados, sua energia, seu suor, sua vibração pelo som, movimento e frenesi. É um desafiador de idéias e de pensamentos... (PETRONILIO 2012, p.64)

Essa troca se dá exclusivamente na maioria destes performers, pois necessitam constantemente de sensibilidade. O DJ é um artista da sensação. Não há como conduzir uma pista e causar todo esse frenesi se não possuir essa peculiaridade aguçada.

“A mulher é um existente a quem se pede que se faça objeto; enquanto sujeito, ela tem uma sensualidade agressiva que não se satisfaz com o corpo masculino: daí nascem os conflitos que seu erotismo deve superar”. (BEAUVOIR, 2009. p.523). É nessa superação que emerge seu poder artístico, onde o sexo se liquidifica e o fluxo de afirmação da vida é o que realmente importa nesse instante.

Mas o que define uma mulher atualmente? Será seu segmento sexual ou a imposição biológica ou cultural imposta a elas? Nesse sentido, não há como falar desse artista DJ mulher sem antes compreender quem é essa figura. Que gênero é esse e o porquê da tendência de inversão de valores na atualidade. Segundo Michele Rosaldo em “A mulher, a Cultura e a Sociedade” a mulher pode ter um peso importante e de poder na sociedade, mas quando comparada às conquistas dos homens não há um valor ou um reconhecimento da mesma. (ROSALDO, 1979, p.33) É bem verdade que essa afirmação se tornou obsoleta, mesmo que ainda de uma forma discreta, pois as mulheres vêm conquistando seu espaço, não como muitos gostam de falar como “guerra dos sexos”, mas sim por concordar que todo ser humano independente de seu seguimento sexual, religioso ou social merece seu espaço. Foi por esse motivo que esse artigo se fez importante, essa figura, a mulher, que também considero *queer* na perspectiva de Sara Salih e Judith Butler. A palavra *queer* segundo elas, é usada para se referir a pessoas que não se enquadram na norma heterossexual, conferindo a elas um estatuto

de “estranho” ou “bizarro”, passa a ser (re)significada para afirmar pessoas cujas subjetivações realizam, de uma maneira ou de outra, abalos nas estruturas normatizadoras de sujeito.

A idéia de que identidade é um construto performativo [...] o sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e “encena” sua identidade um palco metafórico de sua própria escolha; é uma seqüência de atos, mas ela argumenta que não existe um ator (um performer) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito. (SALIH, 2013, p.65)

Esse sujeito em pleno século XXI está descentrado, à margem. Existe uma liquidez nas propriedades impostas pelas instituições tradicionais. Eis que surge uma nova construção de identidade para essas mulheres. Sendo assim, dificilmente se via em festas dos mais variados segmentos, a presença da mulher como DJ. Atualmente no circuito brasileiro e mundial é possível notar que esse quadro mudou positivamente. Se lugar de mulher é em todos os lugares, porque não na picape de uma pista de dança?

É dessa mulher independente que Simone de Beauvoir fala com bastante propriedade e poesia. Para a autora, “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. (BEAUVOIR, 2008, p.47) A autora que se refere a mulher como “o segundo sexo” instiga uma reflexão não somente à mulher, mas a todas identidades contemporâneas. Sendo assim se a mulher conquistou seu poder merecido através do trabalho, as obrigações cotidianas também devem ser divididas aos homens como um todo. Para Beauvoir ninguém nasce mulher, e sim se torna mulher. Nesse sentido a construção das identidades errantes é o foco desta pesquisa que está em cima da figura feminina extraindo o sentimento na profissão DJ.

3.2 DJ, UM MAESTRO SUBVERSIVO

Lucia Santaella em “Matrizes da linguagem e pensamento” nos presenteia com um claro entendimento acerca dos múltiplos signos da linguagem em um hibridismo sonoro, visual e verbal. A autora traz a contribuição de J.J. de Moraes argumentando que as principais maneiras de ouvir são a de ouvir emotivamente, ouvir com o corpo e ouvir intelectualmente. Como a pesquisa parte das sensações adquiridas com a intervenção da música, o artigo se restringirá no que ela chama de “ouvir emotivamente” que:

corresponde ao primeiro efeito que a música está apta a produzir no ouvinte. Ouvir com o corpo entra em correspondência com o interpretante energético, visto que este diz respeito a um certo tipo de ação que é executada no ato de recepção de um signo.

Ouvir intelectualmente significa incorporar princípios lógicos que guiam a recepção da música. (SANTAELLA, 2005, p.82)

A autora esquadrinha a qualidade do sentir metaforizando o receptor como uma cápsula de sentimento flutuando fora do tempo e do espaço. Para que aconteça esse transe, é necessário que o receptor esteja com a sensibilidade aflorada, desarmado e aberto para afirmar a vida pelo som. Nesse instante o maestro musical do sentimento “DJ” se torna um médico da felicidade, fazendo com que o indivíduo se lance num espaço atemporal na máxima ebulição de sentimento, em cápsulas flutuantes.

São instantes fugidios de sentimento despojado, desprendido de qualquer objeto de atendimento ou atenção, sentimento em si mesmo, imantado na efervescência sonora, fugacidade do som que aparece para desaparecer; sentimento que resiste a definições ou explicações, visto que é aquilo que é, sem relação com qualquer outra coisa. (SANTAELLA, 2005, p.82)

Eis aqui o potencial das possíveis artistagens do DJ enquanto maestro do sentimento. Manipula a emoção coletiva e é atingido ao mesmo tempo pelo maravilhoso poder da música. Nesse instante eterno não justifica drogas, álcool ou qualquer outro aditivo, pois o sentimento emerge simplesmente pelo feeling do DJ em tocar a batida perfeita. Santaella classifica o acelerar da pulsação sanguínea e da temperatura como “comoção”. Trata-se de um sentir que emana e está sempre em movimento, num fluxo. A esse sentido bem particular que todos temos, essa “impressão digital de nossa sensibilidade” se atribui o que verdadeiramente compõe a identidade de um verdadeiro DJ. (SANTAELLA, 2005, p.83)

Outra forma de ouvir para Santaella, além da puramente emocional, é o “ouvir com o corpo” onde o conteúdo percussivo das músicas fazem vibrar todo o corpo, não emergindo movimento, somente através do ouvido, mas uma ampliação por todo corpo. “O ritmo penetra no corpo, cria-se uma fusão e, de repente, o próprio corpo parece ser a fonte geradora do ritmo”. O corpo se movimenta pelo estímulo dos signos da música, sendo quase impossível se conter parado. Segundo uma entrevista realizada com a DJ Erica Lins na cidade de Goiânia - GO no dia 02/06/2015, o ritmo estilizado do *house* com batidas de percussão, contribuiu para uma caracterização dos ambientes festivos *gays*. “Alguns chamavam de bate cabelo, (risos) mas a característica marcante era da percussão onde ninguém conseguia ficar parado”. A grande maioria dos DJs das festas GLS, intitula esse ritmo com tais batidas características, de *house tribal*⁹.

⁹ A única definição para o estilo “tribal house”, foi encontrada no site Wikipedia em: http://pt.wikipedia.org/wiki/House_music#Tribal_House Acessado em 15 de novembro de 2014.

O estilo tribal proporciona uma entrega mais transcendente do indivíduo à música. Este som caracteriza-se pelo uso de sons tribais (sons da selva) com percussão. Pensa-se que o tribal surgiu de uma ligação entre a música africana e a eletrônica

4. QUARTO SET: PERFORMANCE, HIBRIDISMO E ESTÉTICA

4.1 MIXAGEM COMO PERFORMANCE

4.2 O MUTANTE MUSICAL HÍBRIDO

Antes de fazer emergir a concepção de hibridismo pelos DJs, ousou aqui nomeá-lo como um *ciborgue musical*. Através deste segmento pós-moderno vejo mais uma vez emergir a identidade do DJ, em uma concepção de ciborgue em “Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano” onde Donna Haraway diz: “No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos em suma ciborgues.” [...] “Esta obra é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção”. (TADEU, 2013, p.37) Para tal associação continuarei definindo segundo a autora o que vem a ser de fato, um ciborgue.

O entendimento do ciborgue, segundo Donna Haraway, Hari e Tomaz Tadeu, parte das radicais transformações culturais que passamos, desenvolvendo assim um pensamento questionador e radical sobre as concepções dominantes sobre a subjetividade humana. Eles levantam uma importante questão: “Onde termina o humano e onde começa a máquina, ou vive-versa? (TADEU, 2013, p.10) O autor percebe a inegável presença do ciborgue em nosso meio, colocando em xeque a ontologia do humano. Nasce aqui uma certa crise de identidade a indagarmos quem nós somos ou se o que nos caracteriza é a tradição das instituições de gênero e mundo. Nesse sentido, Tadeu eleva uma interessante característica do ciborgue que se origina da indecente e promíscua fusão ou conexão entre o humano e máquina. Não existe para ele, nada mais que seja totalmente puro. Nem a ciência, nem a tecnologia, nem a natureza, nem as dimensões sociais e políticas e nem as culturais. É notório a fusão desse estranho pós-moderno o qual afirma a figura do DJ, esse mutante sem sexo, barulhento e excêntrico por natureza. Esse maestro musical do sentimento que ora máquina de tocar discos, ora potencia de som, ainda se vê seus pedaços humanos fundidos como um ciborgue.

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos. (TADEU, 2013, p.11)

Para Tadeu, essa criatura pós-humana “o ciborgue”, nasce pela mecanização e eletrificação do humano, com a humanização e a subjetivação da máquina. Essa concepção faz com que a singularidade do humano se dissolva. “O ciborgue nos força a pensar em termos de fluxos e intensidades, tal como sugerido, por uma ontologia deleuziana”. (TADEU, 2013, p.14) Ou seja, é nessa mutação do humano com máquina que se origina correntes e circuitos que alcançam o sujeito. É nesse sentido que se propaga em fluxos. Fluxo de música, de alegria coletiva, de mixagem sonora, de imposição do deus da festa e da dança, o DJ.

O ciborgue está comprometido com a “parcialidade, a ironia e a perversidade”. Ele é “oposicionista, utópico e nada inocente”; O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica, mas anseiam por “conexão”. (HARAWAY, 2013, p.38) A autora consegue descrever com propriedade grandes características do DJ. Ele é parcial quando comanda uma pista onde o prazer é reverenciado. É irônico quando arrasta multidões para esse fazer festivo que dificilmente outros ajuntamentos conseguiriam. É perverso pela capacidade de desfazer e fazer novamente em suas mixagens, retirando a característica do original, faz monstros em cima disso.

Visto que o poder das ciborgues DJs, da cidade de Goiânia formam um tornado musical festivo, Donna Haraway traz uma grande contribuição dessa artista marginalizada. Para a autora, esse ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades. (HARAWAY, 2013, p.45) Isso acontece quando no ato da festa, não é a imposição do masculino ou feminino, ou transexual ou travestis ou drags que determinam o espaço. Mas o fluxo desejante de possibilidades de prazer, alegria, barulho que afirma a vida de qualquer corpo humano. Isso dá subsídios para construção de uma nova identidade que ousa aqui chamar de identidade eletrônica do DJ. O que é esse artista seria se não um ciborgue? As vezes humano, as vezes artificial e máquina, se faz híbrido pois eterniza o momento com as músicas onde a mixagem transforma a sequência de músicas em uma única música: a música da dança desenfreada da vida. Por fim uma nova força da mulher enquanto artista. A Dj, uma ciborgue musical.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carolina de Camargo. **Experiência Rave:** entre o espetáculo e o ritual. Tese de doutorado, 2011, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / USP, 226P.

ASSEF, Claudia. **Todo DJ já sambou:** a história do disc-jóquei no Brasil. 3. ed. – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. Trad.; Renato Aguiar, ed.8, Rio de Janeiro, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente.** Trad. Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet – 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad.: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4 / Gilles Deleuze, Félix Guatarri ; tradução de Suely Rolnik. – São Paulo : Ed. 34, 1997

_____. **A dobra:** Leibniz e o Barroco. Trad.: Luíz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **Proust e os signos;** Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infame.** In: Estratégia, Poder-saber. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOFFMAN, E. **(Re)apresentação do Eu na Vida Cotidiana.** Trad. Maria Célia Santos Raposo. 15.ed. Petrópolis SP: Vozes, 2008.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. **En defensa del arte del performance.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, vol.11, n. 24. p. 199 - 226, 2005

GUATTARI, Feliz. **Caosmose:** um novo paradigma estético; trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. – São Paulo Ed. 34, 1992.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX**. In: Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano/ Organização e Tradução de Tomaz Tadeu – 2 ed. BH: Autêntica, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Trad.; Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – ed. 11, Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LAGE, Giselle Carino. **Revisitando o método etnográfico**: contribuições para a narrativa antropológica. Revista Espaço Acadêmico, num.97, junho de 2009. Mestranda do Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia na UFRJ. Versão on-line disponível em: http://uaiinformatica.net/luciana/textos-para-cursos/5_giselle_lage.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

LANGER, Susanne. **Filosofia em Nova Chave**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

_____. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas ; trad. Rogério de Almeida, Alexandre Dias. – São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **A sombra de Dionísio**: contribuição de uma sociologia da orgia ; trad. Rogério de Almeida. – 2 ed. – São Paulo: Zouk, 2005

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2006.

_____. **A transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Trad. Juremir Machado da Silva. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 230 p.

_____. **Homossociabilidade**: da identidade às identificações. Traduzido por Maria de Lourdes de Medeiros, Mestre em Ciências Sociais pela UFRN, 2012. Versão on-line disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art01_maffesoli.pdf. Acesso em 09 de janeiro de 2015.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias**: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche, 3 ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcelona, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.

NEVES, Thiago Tavares das. **Batidas intensas**: corpo e sociabilidade nas festas de musica eletrônica em Natal / 2010, 123p. Dissertação de Mestrado Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**; Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. - São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **A visão dionisíaca do mundo**, e outros textos de juventude; tradução Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza ; revisão da tradução Marco Casanova. – São Paulo : Martins Fontes, 2005.

PRATES, Adriana. **O uso de psicoativos na cena de música eletrônica de salvador – Bahia**: uma investida inicial, 2006. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0CDYQFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.pragatecno.com.br%2Fadriana%2520prates%2520texto%2520drogas%2520e%2520musica%2520eletronica.doc&ei=olP2VMj5BdLlsASRzYKwDw&usg=AFQjCNGiBS4L1W75PUqeOb01QoVOMm0VAg> Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

RAGO, Margareth – **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas / Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto (orgs.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 2 ed.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT Cornelia. **Etnografia**: saberes e práticas. Artigo publicado no livro organizado por Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. *Ciencias Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf?sequence=1> Acesso em 15 de janeiro de 2015.

PETRONILIO, Paulo. **Corpo-Transe no Candomblé**: performance e cotidiano. Disponível em <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/247/287>> Acesso em: 10 de outubro de 2014.

_____. **Performances de um corpo infame**: Dança e cultura. Revista de estudos em linguagens e tecnologia Num. 01 2015

_____. **Corpo – Transe no candomblé**: Performance e cotidiano. Revista de estudos das linguagens da arte da tecnologia. Num.01 2014

ROSALDO, Michelle Zimbalist. **A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica**. In: A mulher, a cultura e a sociedade / coord. Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere; trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação** : Sintoma da cultura – São Paulo : Paulus, 2004. (comunicação)

SARA, Salih. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte, 2013.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance**. In: Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006. Disponível em:

http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2014.

_____. **Performers e Espectadores: Transportados e Transformados.** In Revista Moringa Artes do Espetáculo. Vol 2. N1 (2011). Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/viewFile/9993/5473>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Trad.; Pedro Caldas. – Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SWAIN, Tania Navarro. **Identidade nômade – heterotopias de mim.** In: Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas / Margareth Rago, Luiz B. Lacerda, Alfredo Veiga-Neto (orgs.). – Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 2. Ed.

TADEU, Tomaz. **Nós, ciborgues O corpo elétrico e a dissolução do humano.** In: Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano/ Organização e Tradução de Tomaz Tadeu – 2 ed. BH: Autêntica, 2013.

Top 100 Djs, acesso 02/10/15 disponível em: <http://www.djmag.com/top100dj>